

ENTRE O REAL E O FICCIONAL: NARRAR A VIDA COMO ROMANCE DE FORMAÇÃO EM *DE ONDE ELES VÊM*, DE JEFERSON TENÓRIO

Rodrigo Felipe Veloso¹

Unimontes

Resumo: O romance *De onde eles vêm*, de Jeferson Tenório, articula experiências autobiográficas, sociais e políticas em uma narrativa que se inscreve no modelo do romance de formação, tensionando os limites entre o real e o ficcional. Acompanhamos a trajetória de Joaquim, jovem negro e escritor em busca de pertencimento e identidade, cuja caminhada é atravessada por memórias familiares, desigualdades raciais, violências estruturais e descobertas subjetivas. A narração, marcada por uma linguagem introspectiva e sensível, estrutura-se como um processo de autoconhecimento em meio a um mundo hostil, mas também como construção estética de uma voz autoral. Ao entrelaçar ficção e experiência, Tenório desafia a ideia de uma linearidade formativa típica do *Bildungsroman* tradicional, propondo uma formação marcada por rupturas, silenciamentos e retomadas. O ato de narrar torna-se, assim, não apenas instrumento de reconstrução de si, mas gesto político e poético de resistência diante das formas de apagamento que incidem sobre os corpos negros no Brasil. O romance reconfigura a tradição literária ao inserir novas perspectivas de subjetividade, memória e pertencimento, revelando como o literário pode elaborar traumas históricos e possibilitar futuros outros. Ao fim, *De onde eles vêm* propõe que o lugar de origem não é fixo, mas sim um espaço simbólico reconstruído pela linguagem e pela imaginação.

Palavras-chave: Romance de formação. Identidade negra. Ficção e autobiografia.

Submetido em 19/03/2025

Aprovado em 18/12/2025

A literatura estava me mantendo vivo sem que eu soubesse (Tenório, 2024, p. 178).

De onde eles vêm, publicado em 2024, marca o retorno de Jeferson Tenório à cena literária brasileira com um romance que não apenas reafirma sua relevância como escritor, mas também o posiciona como uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea ao problematizar as experiências de jovens negros no Brasil. Com uma

¹ Pós-doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG; Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFJF; Docente no Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7840-584X>. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br

narrativa densa e sensível, Tenório constrói a trajetória de Joaquim, jovem negro da periferia de Porto Alegre que ingressa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por meio do sistema de cotas, para denunciar, refletir e ficcionalizar uma vivência atravessada por múltiplas camadas de exclusão, resistência e autoconstrução.

O romance articula elementos do *Bildungsroman* (o romance de formação), a partir de uma perspectiva profundamente enraizada na realidade social brasileira. A narrativa acompanha o amadurecimento de Joaquim, não apenas do ponto de vista acadêmico ou intelectual, mas sobretudo enquanto sujeito racializado em uma sociedade estruturalmente desigual. A universidade, que a princípio representa um símbolo de conquista e ascensão, revela-se um território de tensão e deslocamento: ali, Joaquim experimenta o racismo velado, o estranhamento cultural, a solidão e a constante cobrança por desempenho, tudo isso em contraste com o ambiente doméstico, onde precisa cuidar da avó doente e lidar com a memória dolorosa da ausência materna.

A força do romance reside na habilidade de Tenório em entrelaçar o plano social com o existencial. A experiência de Joaquim é marcada por um duplo exílio: dentro da universidade, ele é visto como o “outro”, alguém que, apesar de estar presente, não é reconhecido como pertencente; fora dela, é constantemente pressionado pelas demandas familiares e pelas fragilidades materiais de seu cotidiano. O personagem se vê, assim, enredado numa tensão permanente entre a tentativa de sobreviver e o desejo de transformar sua realidade, o que confere à obra uma dimensão filosófica que dialoga com a tradição do pensamento existencialista.

Neste sentido, *De onde eles vêm* transcende a crítica social imediata para adentrar os labirintos subjetivos do protagonista. O leitor é convidado a acompanhar não apenas as situações concretas de exclusão e enfrentamento, mas também os movimentos internos de um sujeito que busca sentido num mundo hostil. Joaquim é constantemente confrontado com questões fundamentais da existência: o que significa pertencer? Qual o valor da experiência vivida? Que sentido pode ter a dor? Sua jornada se transforma, assim, em um rito de passagem que não garante certezas, mas provoca inquietações.

A escrita de Tenório é marcada pela concisão, pela precisão e por um lirismo contido, que evita excessos emocionais sem abrir mão da densidade afetiva. Ao optar por uma linguagem direta e afetiva, o autor constrói um realismo crítico que dá voz aos silenciados, sem fetichizar a dor nem romantizar a luta. A escolha por narrar a história

em primeira pessoa aproxima o leitor da interioridade de Joaquim, criando um efeito de empatia que torna mais agudas as reflexões que o romance propõe.

Passei a beber com mais frequência. Saía do trabalho, ia para o bar onde estavam meus amigos e bebia com eles. A verdade é que éramos negros e estávamos todos fodidos, cumprindo nossa sentença de ter uma vida fodida. Porque, lá de onde a gente vinha, era dessa forma que as coisas eram, eu pensava. Enquanto, eu bebia, às vezes sentia raiva de mim por ter acreditado que um dia poderia pertencer àquele mundo. E entre um gole e outro desisti de vez da universidade. Aquele ambiente não era para mim (Tenório, 2024, p. 177).

A autobiografia parcial do autor também ressoa no texto, conferindo-lhe autenticidade e potência testemunhal. Tenório, que foi um dos primeiros cotistas da UFRGS, utiliza a ficção para elaborar uma memória coletiva. Joaquim é, nesse sentido, uma figura simbólica: representa uma geração de jovens negros que, ao ingressarem no ensino superior por meio de políticas afirmativas, são forçados a lidar com as contradições de um sistema que reconhece sua presença, mas não os acolhe plenamente.

Um dos aspectos mais instigantes do romance é sua recusa a oferecer um arco narrativo de superação fácil. *De onde eles vêm* não é uma história otimista no sentido tradicional: não há redenção garantida, final feliz ou idealização da educação como panaceia. O diploma, se vier, não apaga os traumas vividos, nem resolve magicamente os problemas estruturais enfrentados. Pelo contrário, a narrativa evidencia que o processo formativo implica perdas, rupturas e enfrentamentos dolorosos, com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Essa recusa à idealização alinha o romance com uma ética da complexidade, em que a formação do sujeito é compreendida como um processo inacabado, marcado por ambivalências.

A dimensão literária do texto também merece destaque. O fazer poético atravessa o romance como um espaço de refúgio e de reinvenção. Em um trecho marcante, Joaquim diz: “Escrevi meu primeiro poema porque queria ser leitor” (Tenório, 2024, p. 54). Essa frase aparentemente paradoxal revela a chave da narrativa: a escrita não surge da estabilidade, mas da necessidade de habitar um lugar simbólico. Ser leitor, aqui, é menos um gesto de erudição do que um ato de insurgência, ler, escrever e narrar tornam-se formas de inscrever-se no mundo, de afirmar a própria existência contra a lógica do apagamento.

Nesse sentido, Sinval, amigo de Joaquim, era sua maior inspiração no processo criativo da escrita, pois demonstrava ser capaz de captar a essência de cada livro que lia. “Então, eu, com minha pouca idade, me sentia devedor diante dele. [...] Em sua presença, eu me sentia fraco, assim como a maioria das pessoas ao seu redor” (Tenório, 2024, p. 42). conselho de Sinval levou Joaquim a externalizar aquilo que, dentro de si, permanecia adormecido, uma espécie de “cemitério de palavras” que o habitava. A materialização desse acúmulo em forma de livro surgiria na medida em que a vida tivesse feito alguém sofrer o bastante.

Um dos poemas escritos por Joaquim, quando ele tinha doze anos, foi composto após a morte de sua mãe, vítima de uma grave doença cardíaca. O poema intitula-se “Estante Revisitada”:

De onde vêm as palavras?
Talvez vissem de todos os lugares.
De todas as partes de meu corpo.
De todo o barulho ao redor.
De todas as vozes que li.
Do coração silencioso de minha mãe.
Da sujeira e da degradação do mundo.
(Tenório, 2024, p. 55).

Dentro dessa perspectiva, o poema constrói uma genealogia das palavras que não é apenas técnica ou estética, mas profundamente existencial e política. As palavras vêm da carne, da perda, do afeto, da leitura, da opressão, vêm da vida vivida. Ao escrevê-las, Joaquim não busca apenas expressar sentimentos, mas inscrever-se no mundo, resistir ao silenciamento e dar forma ao inominável.

Neste ponto, Tenório estabelece um diálogo com autores como Conceição Evaristo, em cuja obra o conceito de “escrevivência”, a escrita como vivência e resistência, ilumina a experiência de personagens negros que transformam sua dor em narrativa. A literatura torna-se, assim, um campo de batalha simbólico, onde se disputam os sentidos da memória, da identidade e da possibilidade de futuro.

A presença intertextual do personagem Rufus, de James Baldwin, também enriquece a construção narrativa. Rufus não é apenas uma referência literária: é uma companhia silenciosa, uma figura espectral que dialoga com Joaquim e reforça o caráter transnacional da experiência negra. A interseção entre a literatura afro-americana e a brasileira sugere que as questões vividas por Joaquim são, em alguma medida, universais,

embora enraizadas em contextos específicos. A cena em que o supervisor exige que o livro seja retirado da mesa não é trivial: ela simboliza a violência simbólica contra o saber negro, o incômodo causado pela presença de uma subjetividade que resiste à normatividade.

Essa tensão entre o saber e o poder percorre toda a obra. Joaquim, ao se tornar leitor e escritor, desafia as fronteiras que o delimitam socialmente. A pergunta que surge, “Vale a pena passar pela dor só para ter o que contar depois?”, ecoa ao longo da narrativa como um dilema ético e estético. A escrita é, ao mesmo tempo, forma de sobrevivência e exposição à ferida; é instrumento de denúncia e forma de elaboração do trauma. Tenório não oferece respostas fáceis, mas sugere que contar a própria história, mesmo que às custas da dor, é um gesto de dignidade.

Ao desestabilizar o modelo tradicional do romance de formação, europeu, branco, burguês, Tenório reinscreve o *Bildungsroman* num corpo negro e periférico. Isso não é apenas uma mudança de protagonista, mas uma reconfiguração do próprio paradigma narrativo. O percurso formativo de Joaquim não passa pela descoberta da liberdade individual no sentido liberal, mas pela conscientização das violências sistêmicas e pela invenção de estratégias de resistência subjetiva. A formação aqui não é apaziguadora: é ferida aberta, aprendizado amargo, travessia incerta.

O romance também se destaca por sua dimensão comunitária. Embora centrado na voz de Joaquim, *De onde eles vêm* constrói uma narrativa coletiva, em que outras vozes, da avó, dos amigos, dos professores, dos colegas, compõem uma polifonia que amplia o horizonte do texto. A experiência de Joaquim não é exceção, mas sintoma. Sua história individual reflete uma condição social compartilhada por muitos jovens negros no Brasil, cujas trajetórias são sistematicamente dificultadas por um racismo estrutural que se atualiza cotidianamente.

Em diálogo com outras obras da literatura negra contemporânea, como *Vila Sapo*, de Itamar Vieira Junior, e *Marrom e Amarelo*, de Paulo Scott, o romance de Tenório contribui para uma cartografia afetiva e política da juventude negra brasileira. Ao narrar a vida como literatura, o autor não apenas dá visibilidade a sujeitos historicamente marginalizados, mas reivindica a centralidade de suas experiências na composição do imaginário nacional.

De onde eles vêm é, por fim, uma obra necessária. Não apenas porque denuncia injustiças ou porque representa uma parcela da população frequentemente invisibilizada,

mas porque propõe uma reflexão profunda sobre o valor da narrativa como forma de existir, resistir e reinventar-se. Ao transformar a dor em palavra, a ausência em presença e o silêncio em voz, Jeferson Tenório nos oferece um romance que está entre o real e o ficcional, e é justamente nesse entre que pulsa sua força estética e ética.

Essa leitura deixa marcas, inquieta, provoca. Joaquim não é um herói tradicional, tampouco é uma vítima passiva. É um sujeito em construção, feito de dúvidas, cansaços, desejos e palavras. Seu percurso não é linear nem triunfante, mas profundamente humano. Como leitores, saímos do livro com a certeza de que a literatura, quando escrita com honestidade e coragem, pode iluminar as zonas obscuras da realidade e abrir caminhos para o pensamento, a escuta e a transformação.

Referências

FALERO, José. **Vila Sapo**. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2019.

SCOTT, Paulo. **Marrom e Amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TENÓRIO, Jeferson. **De onde eles vêm**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.